

STRATO SPHERE

■ LUXO SEM LIMITES



RELÓGIOS
HORAS
ALTERNATIVAS

PERSONALIZAÇÃO
LUXO FEITO À MEDIDA

ARTE
INVESTIMENTO
A ORIENTE

BARCOS
HEESEN 37M

3

JUNHO-AGOSTO 2012
€10



O seu estilo define-se por ser um género contemporâneo, tem linhas depuradas, é sóbrio, elegante e intemporal

Gosta de viajar e de conhecer cidades, culturas, povos, formas diferentes de viver. Planeia as viagens ao máximo

‘TIVE A CORAGEM DE MUDAR’

O reconhecimento internacional consagrou Cristina Jorge de Carvalho, abrindo-lhe as portas de um mercado exterior em crescimento. “Provavelmente, não haverá arquitetura em Portugal nos próximos 20 anos”, afirma a arquiteta de interiores

Entrevista Alexandre Coutinho Fotografia Filipe Pombo

Começou por fundar e decorar o restaurante Casa México, em Lisboa. Em que ano?

Abriu em maio de 1994 e ainda existe na Marina de Cascais (o de Lisboa, agora não está aberto). A ideia não foi só minha, talvez mais da minha irmã, e tinha a ver com a nossa paixão pela comida mexicana...

E tornou-se imediatamente um dos restaurantes de referência dos anos 90...

Na altura, não havia restaurantes mexicanos em Portugal e a Casa México acabou por ser marcante. Era muito diferente. As cores, a decoração, a música, o ambiente. Quase todos os anos organizávamos a Fiesta di Muertos e vinha sempre o embaixador do México e uma banda de *mariachis*. Muito gentilmente, a Embaixada emprestava-nos todos os elementos

decorativos alusivos à festa e a cultura mexicana estava ali em todo o seu esplendor.

Foi o seu primeiro negócio como empreendedora, depois da sua formação em Gestão de Empresas?

Sim, foi o primeiro, isto depois de ter dado aulas na faculdade e de estar na direção comercial da TVI. Foi neste período que começámos a esboçar o projeto e a implementá-lo.

Entretanto, houve um virar de agulha para a arquitetura e o design de interiores?

Fiz várias coisas, todas elas muito diferentes, que me permitiram chegar a uma determinada altura e dizer: eu não gosto nada disto. Em 1997, tive a coragem de mudar para algo em que sabia que me sentiria realizada e que tinha vocação. Obviamente, era necessário ter formação em *design de*



interiores e fui para a Inchbald School of Design, em Londres.

Como montou o seu ateliê CJC - Arquitectura e Design de Interiores?

Com dificuldade, uma vez que não basta tirar um curso para dizer que se é *designer* de interiores. Nos primeiros anos, trabalhava sozinha. Comecei a ganhar alguns projetos e as coisas foram-se consolidando ao longo dos tempos.

Começou por residências particulares?

Houve uma ou outra casa privada, mas também o apartamento modelo do Condomínio das Águas Livres, a remodelação do Hotel Praia Mar e o projeto de arquitetura das casas de banho do Palace Hotel do Bussaco. Foram os três primeiros projetos que fiz. É um meio que não é fácil, especialmente para quem nunca tinha feito decoração de interiores. Nunca tinha trabalhado no gabinete de alguém, os meus clientes não são meus amigos.

Quantas pessoas trabalham consigo?

Tenho várias arquitetas a trabalhar comigo e cada uma é responsável por um projeto, sabendo-se que há, acima delas, alguém que coordena, nomeadamente quando são hotéis. Tenho duas pessoas abaixo de mim, que coordenam a parte de arquitetura e a de *design* de interiores. Isto para além das pessoas que fazem as imagens em 3D, as que tratam das relações públicas, da parte administrativa, contabilística e financeira.

Quais são as suas linhas de referência entre os designers?

Há *designers* de que aprecio o trabalho e que são completamente diferentes do meu: Thierry Lemaire, India Madhavi, Charrain Brisseaud, Christian Liaigre e David Hicks, nos seus tempos uma referência.

Existem estilos e tendências no design de interiores? Como define o seu estilo? Onde se insere?

Talvez por tantas vezes me perguntarem qual é o meu estilo, tento não o definir. Cheguei à conclusão de que é contemporâneo, tem linhas depuradas, é sóbrio, elegante e intemporal.

Procura adaptar as suas experiências e o seu gosto pessoal?

Há um ponto que para mim é essencial: respeitar a arquitetura, em especial se ela for boa; respeitar a localização do projeto; e depois, olhando para estes dois elementos de base, parto para o projeto de *interior design*. Quando se está a fazer uma casa de praia, não se está no sopé da montanha; não é uma casa nos Alpes Suíços nem uma casa de praia em St. Barths.

Qual foi o projeto mais desafiante que fez até hoje?

Todos os projetos são desafiantes, quer seja um apartamento de princípio de século, com tetos trabalhados, como um apartamento executado pelo Gonçalo Byrne, com fachadas inteiras em vidro. Gostei muito de fazer o projeto da Funda-



(abertura)

O trabalho desenvolvido pelo ateliê CJC para o Hotel Altis Prime mereceu a dupla distinção de Best Interior Hotel for Europe e Best Interior Hotel for Portugal

Ter nascido em Moçambique, influencia a sua noção de dimensão do espaço, a escolha de materiais naturais e o facto de não usar muitos objetos

ção Champalimaud, a arquitetura é soberba, aquelas elipses permitem a entrada de luz e foram muito inspiradoras. Foi um projeto que gostei muito de fazer, apesar de não ter sido realizado (resolveram não executar nenhum dos três projetos a concurso). Mas ganhei um prémio IDA (Interior Design Awards), na categoria de Design de Interiores Conceptual, com a medalha de prata.

Isso é frustrante? Quando o arquiteto não vê a realização do seu projeto?

É uma pena ver edifícios destes sem um projeto de decoração de interiores que corresponda à genialidade do próprio edifício.

A arquitetura de interiores funciona em uníssono com a arquitetura?

A arquitetura de interiores deveria estar sempre ligada com a arquitetura, apesar de nem sempre acontecer. São duas áreas que fazem parte da mesma unidade. São parcerias desejáveis.

Nos últimos anos tem-se assistido a uma crescente inten-



sificação do trabalho dos arquitetos no exterior. A internacionalização do seu ateliê também é algo de desejável?

Portugal tem imensos profissionais muito bons, para os quais a dimensão do país não é suficiente. Os portugueses deverão sempre pensar num mundo global. Seja em que área for, porque o nosso mercado é muito pequeno. Portugal não poderá crescer se não for desta forma. Os portugueses cada vez mais estão a pensar de uma forma global. Provavelmente, não haverá arquitetura em Portugal nos próximos 20 anos.

Como está a sua carteira de projetos? Ressentiu-se com a crise económica?

Está bem, não senti abrandamento. As crises são oportunidades e, se calhar, o facto de existir esta crise faz com que as pessoas se repensem e, com isso, conseguem atingir o seu máximo, que, de outra forma, numa zona de conforto, não seriam tão compelidas a fazê-lo.

“A arquitetura de interiores deveria estar sempre ligada com a arquitetura, apesar de nem sempre acontecer. São duas áreas que fazem parte da mesma unidade. São parcerias desejáveis”

Como surgiram as ideias para diversificar o seu trabalho e criar uma linha de peças de mobiliário?

Foi natural, porque eu sempre desenhei. Antes de tirar o curso de Design de Interiores, já tinha desenhado as peças de mobiliário da minha primeira casa. Em determinada altura, pensei: porque não vendê-las a outros *designers* e a lojas. São os móveis e os tapetes em lã e em lã e seda.

Como é que recebeu os recentes prémios Best Hotel Interiors for Europe e Best Hotel Interiors for Portugal pelo seu trabalho no Hotel Altis Prime?

Obviamente, fiquei superorgulhosa e contente. É o reconhecimento internacional da criatividade e do bom trabalho que se desenvolve neste país. É um incentivo para continuar e para perceber que o *interior design* é uma disciplina que não tem limites geográficos.

Quais são as suas fontes de inspiração?

Sinceramente, não consigo identificar. Eu sei que todos nós somos o resultado daquilo que vivemos até hoje. Tudo aquilo que produzimos é o resultado das minhas vivências. Todas as viagens que fiz pelo mundo, todas as coisas que vi, todas as exposições de arte, todos os edifícios, todas as ruas que palmilhei...

Gosta de viajar? Mais em trabalho ou em lazer?

Gosto. Sempre viajei mais em lazer. Gosto de conhecer cidades, culturas, povos, formas diferentes de viver. Tenho um globo terrestre e, volta e meia, olho para ele para perceber o que ainda me falta conhecer. Determino um destino, os hotéis onde vou

ficar, o que quero visitar, onde vou almoçar e jantar. Planeio a viagem ao máximo. Às vezes, faço viagens em que não faço nada disto e depois fico com pena. Estas não são as minhas férias de família, são as minhas viagens. Tenho o sonho de fazer uma viagem com os meus filhos, de carro, pelo Sul da Europa (a costa de França e de Itália) e ir parando nas vilas, nas praias. Deve ser uma viagem fantástica.

O que compra habitualmente nas suas viagens?

Não compro coisas típicas, a não ser algo de especial. Não vou com o objetivo de fazer compras, mas, se encontrar alguma peça bonita, compro.

Tem paixão por determinados adereços de moda?

Gosto imenso de moda, visto-me como o meu próprio trabalho. Uso marcas (Prada, Miu Miu, Giuseppi Zanotti, Bottega Veneta, Balenciaga, Jimmy Choo, Aquazzurra, Fratelli Rossetti), estilos e cores diferentes. Sapatos e carteiras são as minhas peças

mais *fétiche*. Gosto de relógios masculinos e de anéis com pedras grandes (ónix, jade, turmalina).

Toma nota de referências, de lojas onde possa voltar?

Anoto nos guias pessoais, quer sejam de *design*, de perfumes, de velas, restaurantes, floristas, produtos biológicos, mercados - gosto de visitar mercados. Antes de ir, gosto de me informar ao máximo, e já sei exatamente o que irei ver. Claro que, felizmente, há sempre surpresas e descobrem-se coisas novas.

Escreve com regularidade?

Chego à conclusão de que ando a escrever muito pouco. Escrevemos muito no computador, o que, de alguma forma, mecaniza a nossa escrita, e não escrevemos à mão. Tomo notas de coisas e às vezes já não sei em que livro. Tenho imensos livrinhos em que tomo nota de tudo o que me possa interessar, o que gosto, o que quero ver, ler, comprar... E tenho livrinhos pessoais e de trabalho. Muitas vezes, os meus cadernos têm desenhos e esboços de coisas que vou criando e de ideias que tenho. Às vezes, no meio do trânsito. Tenho sempre um bloco de notas no carro e uma caneta.

É uma pessoa muito organizada?

Procuro ser organizada, acho que nasceu comigo. A vida é muito curta e, se pudermos limitar as perdas de tempo em atividades completamente desnecessárias e tempos completamente perdidos, facilitamos a nossa vida.

Como é que organiza o seu dia? Começa cedo?

Nunca começo muito cedo, não gosto de acordar às sete horas



da manhã. Tomo calmamente o meu pequeno-almoço, posso ir ao ginásio e saio para uma reunião de trabalho ou para o ateliê. Procuo fazer coisas que tenho de fazer antes de vir para o ateliê, para não ter de estar a sair a meio do dia.

E gosta de trabalhar à noite, ao serão?

Muitas vezes, à noite e depois de todos se deitarem é quando crio algumas coisas. Sou notívaga por natureza. Posso deitar-me às seis da manhã sem problema algum.

Nasceu em Moçambique. Quantos anos lá viveu?

Oito anos. Obviamente que influencia a minha noção de di-

mensão do espaço, a minha escolha de materiais naturais e, se calhar, o facto de não usar muitos objetos e ter uma procura de espaços quase vazios.

Em Portugal, viveu sempre em Lisboa?

Maioritariamente, sim.

É a cidade de que mais gosta? Porquê?

Em Portugal, é. Não temos o distanciamento suficiente para conseguir ver a verdadeira beleza de Lisboa, porque perceberíamos que é uma cidade imensamente bela. Muito bonita. Todas estas colinas, a mistura de todos estes edifícios, a ligação



do rio à cidade, o castelo, a luz é extraordinária.

E lá fora, onde gostaria de viver?

É uma questão difícil. Encanta-nos um determinado lado de uma cidade, mas pode faltar algo de outra. Gosto muito de Londres, apesar de cinzenta; gosto de Miami, de São Paulo, de Nova Iorque; no Oriente, daquilo que conheço, Bali, o lado muito civilizado de Singapura e acho Hong Kong extraordinária pela sua miscelânea de culturas e de arquitetura.

Citou quatro ou cinco cidades com características semelhantes, com arranha-céus e vida muito cosmopolita...

Sou um bocadinho cosmopolita...

São Paulo, Nova Iorque e Hong Kong, curiosamente as três cidades onde existem os melhores restaurantes...

Por acaso, é verdade. Gosto de coisas simples: *risotos*, *pastas*, *souflés*, de um bom caril e de *sushi*. Gosto da comida portuguesa, um bom arroz de pato, de um cozido à portuguesa e de um bom peixe grelhado. Os portugueses fazem peixe como ninguém.

E nos vinhos, gosta de vinho português?

Só bebo vinho branco e *champagne*. Gosto de misturas de algumas castas (Sauvignon, Arinto). Quero ver se, muito em breve, tiro um curso de vinhos.

Antes de tirar o curso de Design de Interiores, Cristina Jorge de Carvalho já tinha desenhado as peças de mobiliário da sua primeira casa

Para além dos vinhos, que outros aromas lhe agradam?

Adoro perfumes, sou supersensível aos cheiros, nomeadamente, velas para a casa (Jo Malone e Ex Voto) e perfumes (Elie Saab, Narciso Rodriguez, Byredo e L'Artisan Parfumeur).

E de outras atividades, o que lê e ouve habitualmente?

Gosto imenso de ler, de ver filmes e de ouvir música. Na literatura, gosto de biografias (Winston Churchill, Peggy Guggenheim, Patty Smith) e de romances; na música, gosto de *soul*, *disco*, *hip hop*, *hard rock*, música clássica e *jazz*; e no cinema há um filme que adoro: *África Minha*. Entre os mais recentes, adoro o cinema francês e, cada vez mais, o italiano.

Pratica algum desporto?

Adoro *yoga*, estive uns anos sem praticar, mas voltei agora. Faço meditação há três anos e caminhadas junto ao rio.

Lê jornais e revistas?

Todos os dias, o *Público online* e, nas revistas, a *Vogue* (portuguesa, francesa, americana e italiana), *Wallpaper*, *Vanity Fair*, *Ad* (espanhola e alemã), *Tatler* e *Time*.

